

“Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!”: a *décalage* como ferramenta para compreensão de práticas corporais e alimentares

“Do as I say but do not do as I do!”: *Décalage* as a tool for understanding body and food practices

Juliana Brandão Pinto de CASTRO¹
Maria Cláudia da Veiga Soares CARVALHO²
Francisco Romão FERREIRA¹
Shirley Donizete PRADO¹

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar uma ferramenta teórico-instrumental, a *décalage*, que possibilita uma visão compreensiva sobre os agentes do campo da saúde. A Alimentação e Nutrição e a Educação Física são tomadas como campos científicos de formação, de práticas profissionais e de produção de conhecimentos e saberes que correspondem a dois fortes pilares na reprodução de um específico discurso eivado de normas biomédicas intensamente disseminadas na sociedade. Contudo, nem os profissionais dessas áreas, nem os estudantes dos correspondentes cursos de graduação seguem fielmente aquilo que pregam, como a alimentação saudável e a prática regular de exercícios físicos. Configura-se, assim, um espaço entre “o que se fala” e “o que se faz” em relação às práticas alimentares e corporais, frequentemente identificado como “erro a ser corrigido” na visão biomédica da vida. Distintamente, considera-se aqui a necessidade de um instrumento metodológico que auxilie na compreensão de dois aspectos da subjetividade: a ação e o discurso sobre a ação, que se complementam nas relações sociais. O ser humano convive com a *décalage* em suas relações sociais, com criatividade na reconstrução de significados, considerando incompatibilidades ou incongruências, sustentando uma dinâmica social na percepção de sua condição de ser humano, criando aquilo que é possível e sonhando com o que seria impossível. Sonhando o impossível, ele constrói o que é possível. Um mundo sempre novo. Talvez um mundo menos doente, se a *décalage* for considerada.

Palavras-chave: Ciências da Nutrição. Educação Física e Treinamento. Educação superior. Relações sociais. Subjetividade.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Nutrição, Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde. R. São Francisco Xavier, 524, Pavilhão João Lyra Filho, 12º andar, Bloco E, Sala 12.007, 20559-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. MCVS CARVALHO. E-mail: <mariaclaudiaveigasoares@yahoo.com.br>.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Nutrição Josué de Castro, Programa de Pós-Graduação em Nutrição. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Artigo elaborado a partir da dissertação de JBP CASTRO, intitulada “Faça o que eu digo, mas não o que eu faço: uma análise de discurso sobre práticas alimentares e corporais entre graduandos em Educação Física e Nutrição”. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

ABSTRACT

*The aim of this paper is to present a theoretical and instrumental tool, *décalage*, which enables a comprehensive view of agents in the health field. Food and Nutrition and Physical Education are taken as scientific fields of education, professional practices and knowledge, and guideline productions that correspond to two strong pillars in the reproduction of a particular speech riddled with biomedical standards intensely disseminated in society. However, neither the professionals of these areas nor the students of the corresponding undergraduate courses faithfully follow what they preach, such as healthy eating and regular practice of physical exercises. Thus, a space appears between "what is said" and "what is done" in relation to food and bodily practices, often identified as an "error to be corrected" in the biomedical view of life. Distinctively, here we consider the need of a methodological tool to assist in understanding two aspects of subjectivity: the action and the discourse about the action, which complement each other in social relationships. Human beings live with *décalage* in their social relations with creativity in the reconstruction of meanings, considering incompatibilities or inconsistencies, sustaining a social dynamic in the sense of their human being condition, creating what is possible and dreaming of what it would be impossible. And, dreaming the impossible, he builds what is possible: an ever new world; perhaps a less ill world, if *décalage* is considered.*

Keywords: Nutritional Sciences. Physical Education and Training. Higher, Education. Social relations. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

As abordagens das Ciências Humanas e Sociais permitem escapar ao monoteísmo metodológico de cunho biomédico que é histórico nos campos científicos de formação, de práticas profissionais e de produção de conhecimentos e saberes da Alimentação e Nutrição e da Educação Física no Brasil.

Embora o campo da Alimentação e Nutrição esteja voltado para objetos que exigem um universo transdisciplinar para seu conhecimento, as práticas científicas hegemônicas em seu interior operam metodologicamente a redução que torna o alimento um mero carreador de nutrientes e agente causador ou protetor de doenças na vida humana. Situar objetos de pesquisa na interface com as Ciências Humanas e Sociais possibilita o diálogo entre teoria e prática, o que fundamenta uma experiência científica para se conhecer aquilo que se ignora na relação do sujeito, em seu modo de vida, com a "comida" - o alimento situado, simultaneamente, na Natureza e na Cultura e, portanto, também investido de símbolos¹⁻⁴.

No que diz respeito à Educação Física, o corpo é predominantemente tratado através de seus parâmetros de normalidade quantificada. Atividades ou exercícios físicos conformam a base

para o reconhecimento dos objetos de estudo científico e para as ações educativas, desde a educação escolar até as mais específicas, complexas, exigentes e espetaculares performances esportivas. Normas biomédicas perscrutam minuciosamente ossos, músculos e reações bioquímicas, enquanto os sentidos e significados do corpo na sociedade ainda clamam por abordagens metodológicas que venham a dar conta dos olhares interessados na cultura, no econômico, no político e em tempos e espaços diversos.

Mauss⁵ reitera que o corpo e sua imagem são construídos socialmente, e, nesse sentido, o corpo é modelado por meio de convenções sociais que reproduzem os conflitos de cada sociedade. O corpo materializa a relação entre sujeito e sociedade, refletindo o diálogo entre o biológico e o simbólico na construção da subjetividade humana. A sociedade é instituidora de controle social disseminado nos corpos que operam como matriz na construção de identidade e sobre os quais as práticas alimentares e corporais incidem, tanto do ponto de vista da materialidade, como dos aspectos culturais e simbólicos. As questões relativas à imagem do corpo estão cada vez mais presentes no campo da saúde, influenciando a construção da identidade do sujeito, a percepção que ele tem de seu próprio corpo (autoimagem) ou aquilo que entende por saúde⁶.

Tem-se, então, que a alimentação humana e o corpo envolvem aspectos não apenas fisiológicos, mas também psicológicos e socioculturais, sendo esses fenômenos de grande complexidade. Discutir as práticas corporais e alimentares, em pleno século 21, exige uma reflexão profunda sobre seus significados e sentidos, uma reflexão que não se limite ao caráter preventivista e/ou terapêutico de cunho biomédico que marcam esses campos da ciência, mas que seja capaz de proceder sua identificação para analisá-los.

Os sentidos e significados como expressões simbólicas e subjetivas são modos específicos do ser humano associar imagens e representações às ações e relações socialmente vividas no mundo que o cerca. Os significados são uma ideia convencional e arbitraria conferida ao significante (som) e ao signo (fixação do som/símbolo do som). O significado é, portanto, uma atribuição sociocultural relativamente consciente (racionalizada), presente em diferentes formas de discursividade. Os sentidos dizem respeito à significação no contexto de um universo imaginário e simbólico, não necessariamente racional, capaz de produzir identidades individuais e coletivas, relações sociais e vínculos que ultrapassam a lógica consciente do discurso. A produção de sentidos não se reduz a uma linguagem verbal; ela se articula a imagens, gestos, palavras, sentimentos, impressões e sensações extralinguísticas⁷.

Os indivíduos não apresentam somente necessidades físicas e imediatas, mas também necessidades afetivas, simbólicas, míticas, religiosas e ideológicas. Assim, os sentidos que os sujeitos elaboram sobre o mundo e sobre suas práticas se expressam através das representações, isto é, das imagens carregadas de afetos e valores que garantem sua fixação no mundo. O imaginário, aparentemente abstrato, faz-se concreto quando aciona os desejos, os sonhos, a imaginação criadora e as paixões como forças mobilizadoras das ações humanas. Imaginário construído nas relações sociais enquanto lugar de exposição e de tensão no contexto da estratificação, da hierarquia e das disposições de poder considerando o seu funda-

mento cultural diante dos valores morais, religiosos, éticos e estéticos inerentes ao seu tempo e lugar.

Assim, o sentido é o vínculo entre o indivíduo e o mundo objetivo, materializado nos significados⁸. Porém, quando se analisam as regras relativas à promoção da saúde disseminadas em cursos de graduação como os que formam “educadores físicos” e “nutricionistas”, percebe-se o distanciamento entre o sentido que os sujeitos lhe atribuem e seu significado biomédico, havendo, então, outros sentidos não consonantes que dirigem e influenciam suas práticas. É exatamente essa diferença sutil que merece uma maior exposição através de metodologia das Ciências Humanas e Sociais.

O conhecimento científico pressupõe uma concepção de metodologia capaz de reproduzir uma certa liberdade criativa, evitando o padrão metodológico único, aqui compreendido em sua rigidez e que, como considera Bourdieu⁹, é o contrário da inteligência e da invenção, pois é o rigor, não a rigidez, que pode sustentar um olhar crítico e sistematizado, fundamentado em pressupostos teóricos conceituais para analisar o que não se vê, as estruturas invisíveis da complexidade da realidade social. O que se busca com a conceitualização é fazer de meras palavras instrumentos de pesquisa, experimentando-as e reconstruindo-as no mundo conceitual onde elas habitam e medeiam as conversas dos sujeitos desse mundo.

Nessa perspectiva metodológica, o conceito, como afirma Luz¹⁰, representa um núcleo denso de racionalidade que se propõe a ser operativo na observação da realidade. Ainda que uma observação seja rigorosa, o trabalho científico, mesmo sendo fidedigno à realidade, vê somente uma parte dela: quando diante do objeto, o olhar do pesquisador ilumina uma parte dele e deixa outra na sombra. Uma perspectiva pouco rigorosa corresponde a uma metodologia que se propõe ingenuamente a ver tudo e, tal como um espelho, a refletir diretamente uma verdade total e universal, por exemplo, na relação subjetiva que os seres humanos estabelecem consigo mesmos e

com os outros através da comida e/ou do corpo. A construção de um conceito ou concepção, distintamente, posiciona o pesquisador diante de seus pares e impõe uma tomada de posição ética diante da experiência de pesquisa.

O universo das relações sociais entre seres humanos mediadas pela comida constitui um campo de saberes: o campo científico da Alimentação visto como inseparável da Nutrição¹¹. No campo científico da Educação Física, relações sociais medidas pelo corpo simbolizado também conformam objeto de interesse para geração de conhecimentos e de saberes. O conceito de *campo* referido é oriundo do pensamento de Pierre Bourdieu e constitui-se como um espaço simbólico em que opera um sistema social constituído por relações de força e monopólios, lutas e estratégias, interesses e lucros que condicionam os discursos dos agentes pesquisados,

[...] um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo nessa luta é o monopólio da *autoridade* [no *campo* determinado] definida de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou... o monopólio da *competência*... compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), socialmente outorgada a um agente determinado (p.88)¹².

Busca-se aqui iluminar algo dos próprios campos científicos da Alimentação e Nutrição e da Educação Física ao investir em proposições que favoreçam o uso rigoroso de instrumentos de investigação científica e, assim, o fortalecimento da autoridade e da competência aos agentes quando operam no sentido de produzir conhecimentos e saberes no âmbito das relações sociais mediadas pelo alimento e pelo corpo, ambos simbolizados.

Para tanto, volta-se o olhar para uma parte um tanto invisível dos discursos recorrentes nesses campos de formação e de pesquisa que absorvem

e reproduzem normas próprias das ciências biomédicas, reafirmando políticas de prevenção de doenças e promoção da saúde e reiterando modelos hegemônicos de alimentação nutricionalmente adequada e de corpo ideal. Todavia, conforme já aludido anteriormente, os agentes desses universos - estudantes, docentes, pesquisadores ou profissionais -, comumente vivem um conflito proveniente da lacuna existente entre o preconizar as normas a serem seguidas em seus discursos e o seguir essas normas na vida cotidiana. Trava-se uma batalha ininterrupta para conseguir conciliar as tarefas da vida diária - e o próprio lazer -, e a administração das práticas alimentares e corporais consideradas ideais à luz da biomedicina. Nem todo conteúdo transmitido nesses cursos de graduação é convertido na adoção de hábitos que prometem otimizar a qualidade de vida. Nem toda informação do discurso sobre o que deve ser feito corresponde à ação¹³. A prática do discurso nem sempre converge com as práticas corporais e alimentares. Nem todo estudante, profissional, pesquisador ou docente faz o que prega, personificando o jargão que intitula esse artigo: "Faça o que eu digo, mas não o que eu faço!".

Cabe enfatizar que há, nesse ínterim entre o dito e o feito, muito mais do que um espaço desconhecido. Certamente, há uma série de questões que atravessam esse distanciamento. Há sentidos e significados que influenciam as práticas corporais e alimentares que ocasionam esse espaço entre o falar e o fazer, ora ampliando-o, ora a reduzi-lo. A crítica por parte da sociedade e dos próprios agentes situados no âmbito da saúde sobre essa diferença entre o que se afirma que deve ser feito e o que de fato se faz ocasiona, não raro, que muitas pessoas sejam taxadas de "incoerentes", "ignorantes", "erradas", "frescas", "preguiçosas", "fracas" e até "mentirosas". Como exemplo, há o *slogan* identificado por Goldenberg¹⁴ ao estudar o atual mercado do corpo: "Não existem indivíduos gordos e feios; apenas indivíduos preguiçosos". No caso das normas alimentares, inúmeros trabalhos científicos

concluem que os hábitos alimentares considerados inadequados^{15,16} ou errôneos¹⁷ ou não saudáveis¹⁸ devem, necessariamente, ser corrigidos. Assim, esse estudante ou profissional do campo alimentar-nutricional ou da educação física é cobrado e culpabilizado com muito mais força. Uma vez que é conhecedor das práticas tidas como corretas, mais que todos, ele é visto como quem tem a obrigação de agir, de viver em conformidade com essas normas cada dia mais institucionalizadas.

Distintamente, considera-se aqui a necessidade de compreensão dessa lacuna entre “o falar” e “o fazer”. Ao tomar os sentidos e os significados que reproduzem essa defasagem, o que aqui se busca é compreender um fenômeno social importante e sutil na vida das pessoas e que passa despercebido quando o sujeito é neutro ou idealizado no quadro metodológico convencional na biomedicina. Em face de tal problema, o objetivo deste artigo é apresentar uma ferramenta teórico-instrumental - a *décalage* -, tendo-a como operacional na análise dos discursos desses agentes situados nos campos da Alimentação e Nutrição e da Educação Física. Para condução desse objetivo, foram adotadas opções teórico-conceituais consonantes com a sociologia presente nas obras do sociólogo alemão Weber¹⁹⁻²¹.

Esse caráter interpretativo e compreensivo não coincide com tipo algum de intervenção, uma vez que não pressupõe alcançar uma mudança de conduta. Essa oportunidade fica em aberto para aqueles que almejem fazê-lo, visto que, ao se compreenderem as relações sociais presentes em um determinado fenômeno, têm-se maiores chances de propor intervenções no espaço social da saúde.

A *décalage* como instrumento conceitual de pesquisa

Décalage é um termo francês para o qual há alguns sinônimos tanto na literatura científica quanto no senso comum. São eles: defasagem, descompasso, deslocamento, diferença, discre-

pância, dissonância, distância, cisão, fenda, fissura, fuso, *gap*, lacuna, recusa, variação e mudança. Esse termo é encontrado na arquitetura e na engenharia, significando uma fenda deixada entre um material e outro para que eles possam dilatar, expandir ou inchar sem comprometer ou romper a estrutura.

No sentido das diferenças entre fusos horários, a *décalage* aparece como título original de um filme francês: “*Décalage horaire*”, lançado em 2002, sob a direção de Danièle Thompson. Em inglês, o filme é conhecido como “*Jet lag*”, que poderia ser traduzido como fuso horário atrasado. Em português, esta comédia românica recebeu o título de “Fuso horário do amor”.

Na França, o termo *décalage* também é utilizado por Marie-France²², pupila do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Ao estudar os vinhos franceses, não os considera um mero produto alimentício, uma simples bebida: eles representam um bom senso, incluindo o processo de amadurecimento das uvas. Dessa forma, buscam-se os sentidos que podem ser trabalhados para aproveitar ao máximo o vinho, sendo o bom vinho uma construção tanto do bebedor quanto do produtor. O fruto dessa união não chega a ser o encanto, porque é descrito como algo real. Seu fruto, então, é o sabor, que não consegue ser acessado caso o indivíduo não tenha construído um valor prévio sobre o que seria um vinho de qualidade. Marie-France trabalha com delicadeza a construção social dos gostos, dos novos vinhos e dos novos mundos, com destaque para as relações de mercado na subversão da histórica experiência estabelecida entre produtores e aqueles que saboreiam suas obras. Nesse contexto, ela utiliza a *décalage* como “[...] a defasagem entre demanda e oferta que pode produzir-se em função de mudanças físicas do espaço social”, enfatizando que “esta hierarquia de produção estava em *deslocamento* em relação à configuração atual do mercado, no qual os preços obtidos por alguns vinhos de planície excedem largamente o bom nome dos vinhos das encostas (p.16)²²”.

Os antropólogos Contreras & Gracia-Arnaiz²³ utilizam esse termo em seu livro *“Alimentación y cultura: perspectivas antropológicas”*. Há uma versão em português dessa obra, cujo título é *“Alimentação, sociedade e cultura”*²⁴, no qual a *décalage* é traduzida como descompasso. Mais especificamente, menciona-se o *descompasso* entre o que as pessoas afirmam e pensam e o que realmente consomem, ou seja, entre as representações sociais e as práticas alimentares. No epílogo, é citado o *“descompasso que, frequentemente, ocorre entre o discurso verbal e as práticas reais”* (grifo nosso).

Em sua tese de doutorado, intitulada *“Estilos naturais: uma bricolagem alimentar no Brasil urbano”*, Carvalho¹⁷ menciona a *décalage*:

As respostas oferecidas pelos entrevistados se tornariam muitas vezes sem sentido numa perspectiva que não levasse em conta impressões e subjetividades, pois esses podem construir um mapeamento das circunstâncias, na prática. [...] há um lapso entre a visão que os indivíduos manifestam de suas práticas e suas práticas propriamente ditas, [a] *décalage*, uma distância entre as representações sociais e as práticas alimentares propriamente ditas. Para entendermos as práticas de alimentação é preciso usar uma lente de alta sensibilidade voltada para essas impressões, o que não ocorre numa perspectiva biomédica tradicional (p.22).

A autora também se apropria da ideia da *décalage*, traduzindo-a como *discrepância*, no capítulo *“Práticas e saberes na alimentação: natural, racional ou social?”*, do livro *“Racionalidades médias e práticas integrativas em saúde: estudos teóricos e empíricos”*, organizado por Luz²⁵.

O sociólogo francês Jean-Pierre Poulain aborda a *décalage* em seus livros *“Sociologie de l’obésité”*²⁶ e *“Sociologies de l’alimentation: les mangeurs et l’espace social alimentaire”*²⁷. Essas obras encontram-se traduzidas para língua portu-

guesa com os títulos de *“Sociologia da obesidade”* e *“Sociologias da Alimentação: os comedores e o espaço social alimentar”*, respectivamente, e nelas Poulain apresenta um dos sinônimos de *décalage*: *“A ‘defasagem’ entre as normas e as práticas alimentares”*. O autor afirma que há um número considerável de indivíduos que referem uma *discordância* ou *dissonância* entre as práticas e as normas expressas.

O pensador francês Rosset²⁸ também ajuda a elaborar a categoria a *décalage* quando aborda a crueldade do real e a duplicidade do real²⁸. Ele afirma que tal duplicidade não chega a ser uma negação do real, que, às vezes, torna-se excessivamente desafiador. Na verdade, o sujeito negocia com o real, que não é negado, mas deslocado, colocado em outro lugar.

Assim, a *décalage* pode designar o *descompasso* que pode haver entre a visão que as pessoas têm de suas representações alimentares e corporais e o que elas realmente fazem. É possível, então, dizer de uma *décalage* entre a normatização do discurso acadêmico e a naturalização das práticas no cotidiano. Vale reiterar que essa variação entre a visão que os sujeitos apresentam e constroem sobre suas práticas discursivas e factuais é plena de significação sobre a lógica alimentar e corporal.

Essa diferença entre o discurso sobre a prática e a prática em si ocorre, muitas vezes, à revelia do próprio sujeito, que sofre influência constante do contexto constituído ao longo do tempo. Essa defasagem é algo inerente à natureza humana, uma forma de lidar com vida ou um modo de suportar o real. No caso específico das normas nutricionais e corporais emanadas da biomedicina, o sujeito, na sociedade contemporânea, não conta com um universo favorável a práticas denominadas saudáveis; ao contrário, é exposto deliberadamente a um contexto fortemente *“obesogênico”* ao qual tanto necessita se adaptar, quanto o reproduz, num jogo complexo marcado por muitas contradições.

A conceituação de *décalage* aqui apresentada diz respeito à distância entre *“o que se fala”*

e “o que se faz”, tomando as práticas alimentares e corporais para sua visualização no mundo empírico. Considera-se que essa ferramenta possibilite apreender e interpretar os diversos sentidos e significados atribuídos às relações sociais mediadas por discursos e práticas não coincidentes entre si.

Em virtude da busca por um modo de refletir sobre esses sentidos e significados a partir de uma perspectiva weberiana de compreensão, não se almeja quantificar ou medir o distanciamento entre o que se fala e o que se faz como quem identifica um erro a ser corrigido. Aprender dados matematizáveis, ou estatisticamente previsíveis, ou controláveis em relação a essa diferença encontra-se fora do escopo dessa metodologia. Não está em questão a construção de um “decalômetro” ou de um “detector de inadequações ou mentiras” que o profissional de saúde poderia aplicar no consultório ou na academia, como quem leva um adipômetro, por exemplo. Também não há qualquer anseio em excluir a *décalage* do universo das práticas humanas, visto que ela é aqui entendida como inerente ao jogo da vida e viabiliza as relações sociais.

Numa leitura sociológica, sob uma visão funcional estruturalista, pode-se interpretar que no contexto social estudado existe um funcionamento de escape à imposição de normas, em que a *décalage* opera como contradição entre a disciplina das ciências da saúde e a realidade vital cotidiana dos atores sociais. Sendo assim, a *décalage* tem a função de manter o sistema social tal como está, operando como manutenção de uma dinâmica da vida humana.

Destaca-se a relevância do uso da *décalage* na análise de relações entre discursos e práticas, embora essa concepção seja muitas vezes invisível. Com frequência, de modo irônico, a análise da diferença entre o que o sujeito fala e o que ele faz na prática é banalizada sob o argumento de que essa diferença seria um desvio metodológico. A duplicidade desafiaria a metodologia científica sob a ilusão de uma única e absoluta verdade científica e, dessa maneira, alguns pressupostos

metodológicos dogmáticos se reproduzem na lógica biomédica. Os modelos metodológicos convencionais de caráter biomédico não são adequados para dar visibilidade a essa *décalage*. A própria demanda sempre urgente de intervenção em saúde da população condena essa específica expressão da subjetividade à exclusão do cenário da pesquisa.

Em contraposição e no rigor de metodologias oriundas das Ciências Humanas e Sociais, uma análise sociológica sobre as práticas dos sujeitos identifica o caráter da reflexividade em sua vida, quando eles reagem a esse sistema disciplinar ao mesmo tempo que o aceitam. Por essa via, eles não só reproduzem em seus discursos uma obediência às disciplinas, mas também criam formas de dobrar esse poder, articulam contra poderes e linhas de fuga, construindo, assim, adequações e sobrevivências ao contexto social. Nessa análise, as formas de escapar às regras são elementos inerentes à construção de um discurso disciplinarizador desses cursos profissionalizantes sobre a comida e sobre o corpo. Registre-se que, ao mesmo tempo, criar novas formas de interpretar novos sentidos e significados em face da normatização mantém e ratifica esse discurso hegemônico. Assim, o sujeito não é um “preguiço”, “teimoso”, “fraco” e demais adjetivos pejorativos a ele atribuídos, mas é criativo e capaz de ressignificar as normas para conseguir conviver com elas mais pacificamente. Nesse sentido, uma *décalage* representa estratégias de convivência em que os sujeitos têm a capacidade de criar uma espécie de contrapoder, como uma resposta a um sistema social que reproduz uma opressão em nome da igualdade, da liberdade, da beleza, da estética e da saúde²⁹.

Os agentes sociais buscam meios de subverter o controle mesmo que de forma momentânea. A dinâmica entre poder e contra poder está presente na diferença entre o que se fala e o que se faz, o que pode ficar evidenciado com a construção de um conceito como a *décalage*, que se apropria do paradoxo, da contradição como um elemento que move os agentes sociais³⁰.

Uma abordagem biomédica que minimiza e até exclui questões subjetivas, porque contraditórias e tensas, exclui também do sujeito justamente o que lhe confere humanidade. É imprescindível enfatizar que as subjetividades fazem parte do campo da Alimentação e Nutrição e da Educação Física uma vez que são inerentes à vida humana. Os sentimentos de inquietação motivam o conhecimento científico e seus aprimoramentos metodológicos tanto individual quanto coletivamente.

Entretanto, uma *décalage* também pode ser vilã cruel. Segundo a lógica atual, qualquer sentimento discordante de uma felicidade disciplinarizada deve ser combatido imediatamente, no caso, com medicamentos³¹. Vive-se na era da medicalização³², em que a inquietação e o desconforto podem ser associados ao risco de adoecer e levam à prevenção e às probabilidades de cura e de resolução do problema: “Prevenir é o melhor remédio”. O discurso biomédico atribui às escolhas dos indivíduos a principal causa de várias doenças, configurando também o momento atual como a era do estilo de vida^{33,34}. As recomendações para uma boa saúde assumem um caráter mandatório essencial para a qualidade de vida do homem hipermoderno, o que inclui controle sobre hábitos alimentares e níveis de condicionamento físico^{35,36}. De tal modo, uma pessoa cujo modo de viver está associado à inatividade física, à alimentação afastada das regras nutricionais, entre outras práticas cotidianas, torna-se um sujeito incompatível com uma vida dita saudável²⁸. E, se esse sujeito for um profissional de saúde, estudante em formação ou pesquisador, em especial nutricionista ou educador físico, ele passa à condição de sujeito estigmatizado por sua incapacidade para saúde associada à incompetência profissional. Vive-se uma época em que a normatização médica invade cada vez mais os territórios do campo social, tornando a saúde algo obrigatório, sob pena de exclusão social.

No atual mundo do consumo^{37,38}, duas realidades dicotômicas se colocam: por um lado, a sociedade-moda, que não para de instigar os

gozos do consumo, do lazer e do bem-estar e da tranquilidade; por outro, a vida cada vez mais acelerada, exigente em mais e mais tarefas a cumprir, estressante e apreensiva. Nesse cenário paradoxal, a contradição deve ser considerada relevante e, diante das relações sociais mediadas pela comida e/ou pelo corpo tomadas como objeto de estudo, delineiam-se duas tendências opostas: de um lado, os indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde e obedecem as determinações médicas e sanitárias; de outro lado, proliferam as patologias individuais, o consumo anômico, a anarquia comportamental. Poderíamos falar em hipercapitalismo associado a um hiperindividualismo, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, outra ora desregrado, desequilibrado e caótico³⁵. Essa dualidade é presente nos campos científicos em tela, onde se percebe discursos que preconizam as normas biomédicas enquanto as atitudes tendem a seguir uma ou variadas outras lógicas.

Entende-se ser possível compreender que “o falar” e “o fazer” são duas maneiras diferentes do sujeito se relacionar socialmente, são formas distintas de convivência no mundo. A concepção dessa defasagem foi nomeada *décalage* - mantendo sua grafia em francês -, que seguiu uma trajetória de construção de significado, aqui compreendido como o espaço intermediário entre o que se fala e o que se faz: é útil na análise processual das práticas alimentares e de atividade física, não se esgota em si, mas pode se adaptar a outros cenários de pesquisa e contextos sociais.

A *décalage* é inerente ao jogo vida onde o falar e o fazer são dois aspectos complementares da realidade cotidiana; eles coabitam como subjetividade nas relações sociais como expressão da complexidade humana. Algumas dualidades, aparentemente contraditórias, convivem pacificamente ao mesmo tempo no sujeito: amar e odiar uma mesma pessoa; querer viver um grande amor e ter medo de sofrer; querer fazer exercício físico e gozar o relaxamento e o descanso; querer emagrecer e guardar os gostos por comidas apren-

didadas e cultivadas; e assim por diante. É extensa a lista de exemplos a citar. Há uma diferença incontestável e importante entre as práticas e o discurso sobre elas. O que se pensa e o que se faz se articulam na vida, como no dito popular: “Uma coisa é o que a gente pensa, outra é o que a gente faz!”. Longe de reduzir tais fenômenos a “erros” ou “mentiras”, essa *décalage* carece ser percebida como produtora de dinâmicas nas relações sociais, na vida humana em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem teórica foi o ponto de partida para uma específica construção conceitual capaz de articular uma problemática de investigação para a qual se buscam respostas e, nesse sentido, a *décalage* é apresentada como uma ferramenta teórico-instrumental na leitura e condução de análises de cunho sociológico. Resolver determinado problema de investigação não envolveu intervenção sobre o problema, mas a sua compreensão como investimento complexo e necessário. As políticas de alimentação e nutrição e as políticas de promoção da saúde reproduzem a hegemonia de um discurso preventivista que encobre contradições e subjetividades inerentes à vida. Compreender esse universo humano, conhecer os elementos simbólicos presentes nos discursos e as disputas do jogo que se trava no espaço acadêmico de formação profissional e de produção de conhecimentos e saberes é uma estratégia metodológica das Ciências Humanas e Sociais.

A *décalage* corresponde, nesse sentido, a um instrumento metodológico que auxilia na compreensão de dois aspectos da subjetividade: a ação e o discurso sobre a ação, que se complementam nas relações sociais. O ser humano convive com a *décalage* em suas relações sociais, com criatividade na reconstrução de significados, considerando incompatibilidades ou incongruências, sustentando uma dinâmica social na percepção de sua condição de ser humano, criando aquilo que é possível e sonhando com o que seria im-

possível. Sonhando o impossível, ele constrói o que é possível. Um mundo sempre novo. Talvez um mundo menos doente, se a *décalage* for considerada.

COLABORADORES

JBP CASTRO, MCVS CARVALHO e FR FERREIRA trabalharam em todas as etapas de produção do artigo, desde a concepção até a versão final. SD PRADO colaborou na construção do texto e trabalhou na sua versão final.

REFERÊNCIAS

1. Lévi-Strauss C. O cru e o cozido. São Paulo: Cosac & Naify; 2004.
2. Gracia-Arnaiz M, organizador. Somos lo que comemos: estudios de alimentación y cultura en España. Barcelona: Ariel; 2008.
3. Contreras J, organizador. Alimentación y cultura: necesidades, gustos y costumbres. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona; 1995.
4. Carvalho MV, Luz MT, Prado SD. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. *Ciênc Saúde Colet*. 2011; 16(1):155-63.
5. Mauss M. As técnicas do corpo. In: Mauss M. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify; 2011. p.399-422.
6. Ferreira FR. Ciência, arte e cultura no corpo: a construção de sentidos sobre o corpo a partir das cirurgias plásticas. Curitiba: CRV; 2011.
7. Mattos RS, Luz MT. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis*. 2009; 19(2):489-507. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000200014>
8. Leontiev AN. Actividad, conciencia y personalidad. Buenos Aires: Ciencias Del Hombre; 1978.
9. Bourdieu P. O poder simbólico. Lisboa: Difel; 1989.
10. Luz MT. Natural racional social. razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus; 1988.
11. Prado SD, Bosi MLM, Carvalho MCVS, Gugelmim SA, Silva JK, Delmaschio KL, et al. A pesquisa sobre Alimentação no Brasil: sustentando a autonomia do campo Alimentação e Nutrição. *Ciênc Saúde Colet*. 2011; 16(1):107-19.
12. Bourdieu P. Le champs scientifique. *Actes Rech Sci Soc*. 1976; 2(2-3):88-104.

13. Castro JBP. "Faça o que eu digo, mas não o que eu faço": uma análise de discurso sobre práticas alimentares e corporais entre graduandos em Educação Física e Nutrição [mestrado]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2014.
14. Goldenberg M. Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record; 2007.
15. Farias Júnior JC, Mendes JKF, Barbosa DBM, Lopes AS. Fatores de risco cardiovascular em adolescentes: prevalência e associação com fatores sociodemográficos. *Rev Bras Epidemiol*. 2011; 14(1):50-62. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X201100100005>
16. Fonseca VM, Sichieri R, Veiga GV. Fatores associados à obesidade em adolescentes. *Rev Saúde Pública*. 1998; 32(6):541-49. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101998000600007>
17. Carvalho MCVS. Estilos naturais: uma bricolagem alimentar no Brasil urbano [tese]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2009.
18. Lopes ACZ, Reyes ANL, Menezes MC, Santos LC, César CC. Fatores associados ao excesso de peso entre mulheres. *Esc Anna Nery*. 2012; 16(3):451-58. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-8145201200030004>
19. Weber MA. "Objetividade" do conhecimento nas ciências sociais. In: Cohn G, organizador. *Max Weber: sociologia*. 5ª ed. São Paulo: Ática; 1991.
20. Weber M. *Conceitos básicos de sociologia*. 4ª ed. São Paulo: Centauro; 2005.
21. Weber M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret; 2006.
22. Marie-France G-P. *Le marché de l'excellence: lesgrands crus à l'épreuve de la mondialisation*. Paris: Seuil; 2009.
23. Contreras J, Gracia-Arnaiz M. *Alimentación y cultura: perspectivas antropológicas*. Barcelona: Ariel; 2005.
24. Contreras J, Gracia-Arnaiz M. *Alimentação, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
25. Carvalho MCVS. Práticas e saberes na alimentação: natural, racional ou social? In: Luz MT. *Racionalidades médias e práticas integrativas em saúde: estudos teóricos e empíricos*. Rio de Janeiro: Abrasco; 2012.
26. Poulain JP. *Sociologie de l'obésité*. Paris: PUF; 2009.
27. Poulain JP. *Sociologies de l'alimentation: lesmangeurs et l'espace social alimentaire*. Paris: PUF; 2002.
28. Rosset C. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM; 1999.
29. Foucault M. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2004. v.5.
30. Hegel GWF. *Ciência da lógica: excertos*. São Paulo: Barcarolla; 2011.
31. Goldenberg M. *Help*. Folha de São Paulo. 2014 ago. 26 [acesso 2014 ago 28]. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2014/08/1505803-help.shtml?fb_action_ids=320517838120607&fb_action_types=og.recommends
32. Castiel LD, Sanz-Valero J, Vasconcellos-Silva PR. *Das loucuras da razão ao sexo dos anjos: biopolítica, hiperprevenção e produtividade científica*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
33. Blair SN, McCloy CH. Research lecture: Physical activity, physical fitness and health. *Res Quart Exerc Sports*. 1993; 64(4):365-76.
34. Bouchard C, Shephard RJ, Stephens T. *Physical activity, fitness and health: International proceedings and consensus statement*. Champaign (IL): Human Kinetics; 1994.
35. Lipovetsky G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla; 2004.
36. Floyd PA, Mimms SE, Yelding-Howard C. *Personal Health: A multicultural approach*. Englewood (CO): Morton Publishing Company; 1995.
37. Bauman Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar; 1999.
38. Bauman Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar; 1998

Recebido: agosto 29, 2014
Aprovado: outubro 10, 2014